

AS GUERRAS, FENÔMENOS PSICOBIOLOGICOS

LEONE BOURDET

(Revue Militaire D'Information, agosto de 1962)
Tradução do Cel MOACYR POTYGUARA
Oficial de Estado-Maior

O ÂNGULO PSICOBIOLOGICO

Gastão Bouthoul já disse tudo sobre a guerra ou guerras encaradas sob esse aspecto. Os elementos que aqui alinhamos não são mais do que confirmação e ilustração de suas teses encaradas segundo a psicobiologia. Realmente, o conhecimento da repartição dos quatro grupos sanguíneos A, O, B, e AB, que variam de povo para povo, nos permite traçar a curva psicobiológica de cada grupo étnico e ter, desse modo, a representação gráfica de seu temperamento. Veremos assim que os povos, como os indivíduos, não se assemelham uns aos outros. E não se trata entre eles — ainda menos do que entre os indivíduos — de uma questão de “civilização” mais ou menos desenvolvida, mas pura e simplesmente uma questão de adaptação à vida, de sensibilidade e de reação ao meio ambiente e domínio desse meio, em uma palavra de “temperamento”. As guerras, como as revoluções, não são mais do que “falhas de adaptação”, provindas da incompreensão mútua dos agentes profundos que impulsionam os indivíduos — e os povos — e da interpretação automórfica dos fatos e gestos do vizinho, atribuindo-lhe intenções que nós próprios teríamos em relação a essas atitudes e procurando impor-lhe nossa própria lei, sem levar em conta que ele tem uma mentalidade diferente e que não se agride impunemente as leis da natureza. As guerras são sempre, inicialmente, fenômenos psicobiológicos e seus diversos aspectos são múltiplos e variados precisamente porque os homens não se assemelham.

Os estudos que foram realizados em várias partes do mundo, por ocasião das transfusões sanguíneas, permitem chegar, para os principais grupos étnicos atualmente conhecidos, a amostras suficientes que dão as proporções aproximadas de sangue A, O, B e AB, que os constituem.

Confrontando as curvas assim obtidas, nos apercebemos facilmente que os quatro grupos sanguíneos existem em tôdas as raças do mundo porém são desigualmente repartidos e, por outro lado, que não existe nenhum povo que possua uma fórmula cuja curva se traduza por uma linha horizontal, isto é, cuja percentagem respectiva de

cada grupo sanguíneo corresponda à média de sua distribuição mundial. Ao contrário, os povos com forte personalidade são aqueles nos quais um dos grupos sanguíneos predomina nitidamente.

Na escala estatística, é o sangue O que surge como o mais difundido, através todos os continentes (entre 43 e 45%), depois o A (um pouco menos de 40%); em seguida o B (entre 17 e 18%) e finalmente o AB, o mais raro (aproximadamente 5,5%), porém o que é muito mais interessante de observar são as variações de povo para povo. Os de sangue A atingem proporções muito mais elevadas em toda a Europa Ocidental, na América do Norte e na Austrália ao passo que os de sangue B são muito frequentes no Oriente e no centro da África. Quanto aos de sangue AB, são encontrados no limite das áreas geográficas com predominância A de um lado e B do outro; aí onde o A e o B se defrontam isto é: nos Bálcãs e na Polônia, no Jidão, na África do Norte, na América Central e ao norte da América do Sul.

Há poucos povos nos quais o sangue O predomina de modo absoluto. Parece até que os de sangue O procuram unir-se aos de sangue A ou aos de B, aqueles atraindo-os com mais frequência e intensidade do que estes, talvez pelo seu poder de renovação, ao passo que os AB, ao contrário, parecem encaminhar-se de preferência para os B como se encontrassem nêles uma maior estabilidade que viesse equilibrá-los.

Há povos Harmônicos, povos Rítmicos, povos Complexos e também povos Melódicos, segundo sua predominância temperamental. É um fato que todos os povos com predominância relativa do sangue A, mesmo se situados em áreas geográficas distantes umas das outras, possuem pontos comuns de semelhança; são povos sensíveis entre os quais a afetividade desempenha papel saliente. Se eles forem muito Harmônicos, constituem sem dúvida um povo que possui muita riqueza interior, porém, que pode ficar recolhido consigo mesmo sem expansão externa. É o caso dos aborígenes da Austrália Central, por exemplo. Se, ao contrário, encararmos povos Harmônico—Melódicos nos quais ao sangue A se acrescenta suficiente dose de sangue O, como é o caso da França, Alemanha Ocidental, Inglaterra, Estados Unidos... teremos povos em permanente estado de evolução, criadores e expansivos, com espírito de pesquisa e de realização, e entre os quais as concepções econômicas e de trocas aumentam na proporção em que o sangue O é mais presente (os Estados Unidos e a Bélgica que são mais Melódicos do que a França, se bem que permaneçam com uma relativa predominância Harmônica, têm uma política orientada nitidamente para objetivos econômicos).

Os povos Rítmicos, são tradicionalistas, continuadores de idéias herdadas, procurando seu equilíbrio e desenvolvimento na estabilidade de suas instituições, podendo sofrer bruscas "mutações" mas tratando, desde logo, de se organizar de uma maneira rígida e estável que represente para eles uma segurança e no seio da qual não haja en-

traves para seu dinamismo. É o caso da Rússia que, após a revolução, se tornou um dos povos cujo governo é dos mais rígidos. É o caso também da China que, hoje, ultrapassa a Rússia na rigidez de sua disciplina (o sangue B é mais freqüente na China do que na Rússia).

No que tange aos povos de sangue AB, temos a dizer que são Complexos e ao mesmo tempo hipersensíveis e místicos como os Harmônicos, ávidos de interações e trocas como os Melódicos, e impulsivos em suas determinações como os Rítmicos; são porém instáveis e contraditórios. Se é o fato que se podem apoiar em tradições rigorosas de duplo imperativo: religioso (correspondendo ao lado harmônico de seu temperamento) e militar (atendendo a seu lado rítmico), eles encontram seu equilíbrio como a Polônia e o Japão antes da última guerra mundial; dois povos cuja curvas psicobiológicas são, curiosamente, idênticas.

Já se afirmou que a guerra era uma porfia de tôdas as forças, mas estas não são nem da mesma intensidade nem da mesma natureza nos quatro grupos básicos; como essas forças diferem, de um para outro grupo, os povos em guerra nunca falam a mesma linguagem. É pois uma das causas que faz com que na elaboração dos tratados de paz se cometa erros que não contentam nem uns nem outros, já que cada tratado leva em si mesmo o germe de uma guerra de revanche mais ou menos longínqua.

Entre os Harmônicos, os Melódicos, os Rítmicos e os Complexos não são motivos idênticos que fazem desencadear a guerra em seu desenvolvimento, elas não seguem os mesmos princípios e os tratados que as terminam são construídos sobre pensamento preconcebidos que variam de um a outro temperamento.

A GUERRA HARMÔNICA

O Harmônico, em princípio, não concebe a guerra. Para êle, a vida nada mais é do que contemplação e amor, como para o garôto feliz no seio de uma família amada.

É o que os etnólogos descobriram e se surpreenderam quando estudaram os povos tais como os aborígenes da Austrália Central, entre os quais não existia nenhuma palavra para traduzir a luta, a concorrência, o assassinio, e que não compreenderam, quando os primeiros Anglo-Saxões invadiram seu deserto e atiraram nêles, como homens podiam matar outros homens. Durante muito tempo êles acreditaram que êsses estrangeiros vindos de outro continente os haviam tomado, devido a sua pequena estatura, como animais bons para alimentar seus cães. Ora, êsses aborígenes eram portadores exclusivamente de sangue A e O. Da mesma forma, no que tange aos Pés-Prêtos, aldeamento de pele-vermelhas, inteiramente formada de sangue A e O com forte predominância do primeiro (igual aos Aus-

tralianos citados acima), que quando os Inglêses desembarcaram pela primeira vez nas costas da América do Norte, vieram esperá-los com flôres e frutos, e se espantaram também de serem tratados como malfeitores.

Mas quando o Harmônico compreende que o atacam ou que atacam aquêles que êle estima, sua reação é terrível. Êle se revolta e pode se tornar de uma violência extrema. Uma vez desencadeadas suas paixões, não se consegue fazê-lo voltar fâcilmente à razão. Êle que está sempre pronto a todos os sacrifícios, quando é traído e enganado entra na guerra a todo transe até que se lhe faça justiça.

Para os povos Harmônicos, a guerra é sempre uma autodefesa da intimidade afetiva. Os povos de sangue A fazem a guerra para a salvaguarda de seu ideal — é a guerra da Cavalaria do Ocidente, as Cruzadas. Os sêres e os lugares amados são protegidos mais pelo princípio afetivo do que pelo de utilidade, valor ou oportunidade. Em 1914, tôda a Nação se levantou para defender a terra de seus antepassados e também a cultura francêsa (lembremo-nos dos cantos de Péguy). Ê apegado à civilização que criou mais do que a si próprio (é o drama dos “desesperados” de ORAN). Para o Harmônico, a obra que êle admira pode sobrepujar a conveniência e a obediência, é talvez a explicação da salvação de Paris em 1944 por Von Choltiz, pois, no plano do idealismo no qual a guerra se situa, ela pode ter suas grandezas e seus heroísmos onde a razão não tem lugar e no qual sômente o sentimento arrebatava. Fanatismo afetivo, como as guerras religiosas, as lutas pela liberdade de crença e pensamento, a guerra Harmônica é sempre uma reação, ela nunca é espontânea. O Harmônico só é belicoso em resposta a uma agressão contra seus valores, contra o que êle ama, para manter a palavra empenhada, para defender sua honra. Ê o famoso “morrer por Dantzig” de 1939.

Finalmente, entre os povos Harmônicos, a guerra é leal. São Luiz tendo que pagar um resgate para obter sua libertação e tendo os Sarracenos se enganado no cálculo combinado em favor do rei da França, êste exigiu que a diferença fôsse devolvida aos próprios Sarracenos que nada haviam reclamado. Da mesma maneira, devendo atacar o bey de Tunis, êle exigiu que êste fôsse avisado com antecedência, a fim de não passar nunca por traidor. Os Gauleses já tinham essa concepção de guerra leal e desafiavam o inimigo indicando dia e hora para a peleja. Melhor ainda, o Harmônico se sacrifica pelo seu povo: Napoleão em Waterloo redigiu essa declaração ao povo francês: “... ofereço meu sacrifício ao ódio dos inimigos da França. Possam êles ser sinceros em sua declaração e não desejar mais do que a minha pessoa”. Mais ainda, o Harmônico vai além de seu país e, voluntariamente, dá seu sangue para salvar o mundo; os mártires cristãos já haviam dado tal exemplo. Napoleão engajava a França em nome da humanidade e dizia: — “A França só luta hoje pelos mais sagrados direitos das Nações, enquanto que a Inglaterra só defende os privilégios que ela se arrogou”.

Os povos Harmônicos, uma vez satisfeito seu desejo de vingança, se não puderam sublimar sua guerra transpondo-a para um sentimento de defesa de um ideal mais alto que êles próprios, sentem-se como faltosos e procuram fazer-se perdoar; após a bomba de Hiroshima sabemos que complexo de culpa pesou sobre os ombros dos chefes dos Estados Unidos que não souberam mais o que fazer para vir em socorro dos japoneses que êles haviam vencido, e, no entanto, Hiroshima não foi mais do que uma réplica à traição de Pearl Harbour.

A GUERRA MELÓDICA

Os povos de sangue O são os mais pacíficos do mundo. A guerra é para êles um fenômeno que êles buscam afastar. O Melódico não é belicoso. Ele encara primeiramente as soluções negociadas e põe em ação a diplomacia antes de chegar às vias de fato. Quando êle chega a entrar em guerra, é geralmente por causas econômicas mais do que por ideológicas. É dessa forma que certos povos com forte predomínio relativo de sangue O têm tendência a sofrer a influência do mais forte no momento onde esta influência se faz sentir em um plano imediato, pois êles são sensíveis à força aparente mais do que à real. A Itália (onde o sangue O é relativamente predominante) entrou na guerra quando julgou que era de seu interesse, quando a maior parcela da batalha da França já estava vencida e que julgou que só se tratava para ela de organizar a vitória. Mas tendo a sorte mudado de campo, com a chegada dos Americanos, ela soube rapidamente fazer meia-volta e aproveitar toda a ajuda econômica que êles traziam.

Os Esquimós, os Pigmeus com predominância de sangue O, são também povos pacíficos.

Os povos Melódicos são, aliás, os únicos que crêem no fim das guerras. Os de sangue B não acreditam nisso e os de sangue A menos ainda. Todavia quando há guerra, esta pode se revestir de aspectos Melódicos. Na guerra Romana, o comércio e o interesse econômico tinham um lugar primordial. A organização militar era prescrita quase que cientificamente e correspondia ao desejo de reduzir a parte de bravura pessoal, a incerteza dos combates e de conduzir a guerra com o menor risco possível — concepção duplamente contrária à concepção Harmônica e à Rítmica, daí a grande importância que os Romanos emprestavam às fortificações de campanha, a concepção de acampamentos, etc... Notamos hoje concepções idênticas entre os Americanos. Por outro lado o Senado Romano estabelecia, com antecedência, uma política de agressão metódica e de guerra preventiva que êle aplicava para ir aumentando, de maneira implacável, suas conquistas. Ele fez da guerra uma enorme indústria nacional que se revelou na Antiguidade como a mais frutuosa de todas.

Os antagonismos econômicos e comerciais podem regularizar-se por outra forma. Entre todos, esses são os mais passíveis de negociações, transações e compromissos. Temos uma infinidade de exemplos de Estados que, em seguida a dificuldades econômicas aceitaram reorganizar certos fatores de sua economia nacional e até mesmo uma baixa em seu padrão de vida. Quando conflitos econômicos degeneraram em lutas sangrentas, é porque surge um novo fator como Bouthoul já afirmou. Os povos pobres nunca iniciaram uma guerra; são sempre os povos ricos que atacam.

As vezes, o Melódico vê na guerra algumas vantagens tais como: uma luta contra a monotonia, uma ocasião para experiências pessoais, ação, viagens, uma melhoria da produção, pois é por ocasião das guerras que se fazem as invenções mais extraordinárias e sobretudo que se difunde o máximo de utilização desses meios.

A GUERRA RÍTMICA

Os povos Rítmicos em que predomina o sangue tipo B, são os mais espontaneamente guerreiros por sua própria natureza. Assim, para eles, a guerra é uma função natural e um prazer, ao mesmo tempo que buscam nela a unificação do meio exterior. Quando a complexidade e as oposições os perturbam, eles não hesitam em empregar a força para reduzi-las. É necessário que eles próprios se sintam suficientemente fortes para empreendê-la; é a única condição que exigem. A URSS, essencialmente Rítmica em sua organização, não hesitou em intervir com a brutalidade que se sabe para subjugar a Hungria à sua lei, a fim de manter a "linha" e a continuidade de sua zona de influência.

A Índia, um dos países de maior contingente B do mundo, é essencialmente belicosa em seus livros sagrados. Civa, Vichnu, Mitra e muitos outros são deuses guerreiros. Sabe-se também que na Índia existia uma seita secreta (que não se tem certeza se desapareceu), os Thugs, que praticavam o culto do assassinato coletivo segundo rituais notavelmente rebuscados e que, fora de suas cruzadas mortíferas, eram gente respeitável e honrada pelos seus concidadãos que, evidentemente, ignoravam as ocupações às quais eles se entregavam quando partiam em cruzadas.

Os países de sangue B são, além de tudo, os únicos a possuir regimentos de soldados femininos o que choca enormemente o Harmônico para quem a mulher é o ser a preservar juntamente com a criança. Para os Rítmicos no entanto, tudo o que representa fraqueza é dispensável, se não desprezível.

Os povos B são os povos das grandes invasões e das guerras totais, mas que não levam a estas nem o ódio nem a vingança. Para eles isso representa uma prova de força, uma afirmação de seu poderio, uma operação de salubridade.

Grousset, em sua "História da China" lembra o massacre maciço de prisioneiros em honra da vitória, massacre que não era mais necessário para obter um final feliz pois que este fôra conseguido, mas que servia para reforçar a incontestada autoridade do Chefe que o decidiu. Em 331, Tching mandou decapitar 400.000 homens. Em 293, foi uma safra de 240.000 cabeças que outro chefe reclamou para si. Em 274, foram 150.000 cabeças que rolaram. Em 260, cerca de 400.000 cabeças, e assim sucessivamente. Dessa forma estavam eles se guardando também contra possíveis revoltas futuras desses ex-inimigos. Os massacres de Katyn, que nos parecem incompreensíveis, talvez tenham tido origem similar.

Os de sangue B se, por um lado, são espontaneamente guerreiros, é também verdade que o são, em ódio. Nenhum laço afetivo os liga àqueles com os quais acabaram de lutar, eis a razão pela qual se pode vê-los apertar a mão daqueles que momentos antes insultaram. Por outro lado, eles não compreendem que ninguém possa se armar a título preventivo. O grande Frederico, antes de Stalin, emitira uma teoria segundo a qual, constituía para ele uma ofensa o simples fato de seu vizinho se fortificar com medo de um ataque e tal fato era até tomado como agressão!

AS REVOLUÇÕES COMPLEXAS

Os povos com predominância Complexa são aqueles no qual os de sangue AB são relativamente numerosos mas, ao mesmo tempo os de A e B são também bastante numerosos e sem possuir os de sangue O para estabelecer a ligação entre eles. Estão sempre em estado de tensão interna entre sua afetividade e seu racionalismo, entre sua necessidade de fantasia e sua necessidade de ação, enfim entre todas as tendências contraditórias que nêles habitam. A revolução existe nêles em estado endêmico pois a guerra parece ser para eles um meio de sair do marasmo. Sua história não é mais do que uma seqüência de revoluções e golpes nos quais surge um ditador implacável que, por sua vez, será eliminado por um outro e assim sucessivamente, pois, esses povos acreditam (em seu subconsciente) que sua sorte virá com o chefe que eles se tiverem adjudicado quando, em realidade, conduzem consigo seu próprio calvário, do qual não poderão escapar a não ser na base de soluções psicológicas.

É a atual tragédia da África do Norte. São as fogueiras permanentes constituídas pelos Bálcãs, Oriente Próximo, América Central...

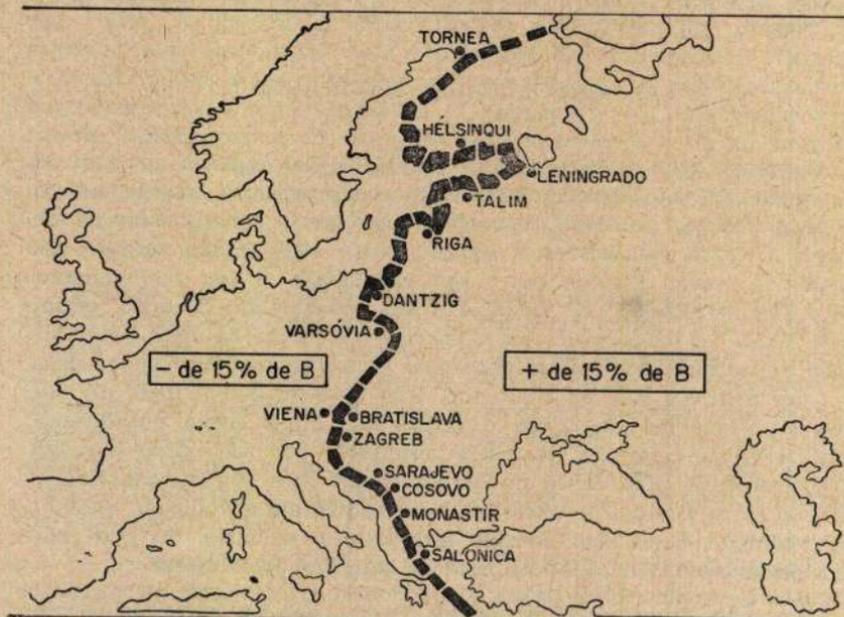
Nada é mais instrutivo do que a comparação das curvas psicobiológicas dos povos em estado de tensão. Se compararmos as curvas da Alemanha Ocidental (Colônia e Bonn) com as da Oriental (Prússia e Alta Sibéria), salta aos olhos a realidade de que temos diante de nós duas Alemanhas. A primeira com forte predomínio Harmônico, livre

da opressão prussiana voltou a ser a Alemanha criadora, poética, musical e pacífica que havia sido anteriormente.

A outra, a oriental, ao contrário, é muito mais Rítmica e daí compreender-se que ela se tenha voluntariamente inclinado para a Rússia. Se se reunificasse a Alemanha, seriam os rítmicos de Leste que remilitarizariam o conjunto e a Alemanha tenderia a ser novamente bélica por um duplo impulso *rítmico* de hegemonia e *harmônico* de reação.

* * *

É quando os sangues A e B estão diante um do outro além de uma certa taxa crítica que as guerras explodem entre concepções diferentes de vida e de governo. Um etnólogo iugoslavo, JOHAN CJIVIC, estabeleceu o que denominou de carta dos sangues. Essa curiosa fronteira dos sangues, que reúne em uma linha de força todos os pontos históricos em que houve lutas ao longo dos séculos, corresponde ao que hoje, praticamente, constitui a Cortina de Ferro.



LEGENDA

— — — FRONTEIRA DOS SANGUES A e B NA EUROPA

A curva psicobiológica da Rússia, em confronto com a dos Estados Unidos, esclarece sobre as divergências do verdadeiro problema que existe entre eles. O diálogo deles permanecerá diálogo de surdos se eles não apelarem para as luzes da psicobiologia. Com efeito, quando os Estados Unidos em um gesto de delicadeza que corresponde a sua

mentalidade Harmônico-Melódica, cedem em um dos pontos de litígio para demonstrar boa vontade em relação à Rússia, esta, de acordo com sua concepção Rítmica inerente a seu temperamento dominante, não entende essa atitude cortês e a toma como fraqueza. Assim é que, nesses casos, ela (a Rússia), aproveita para acentuar suas reivindicações e exigir novas vantagens. Os Estados Unidos, sentindo então a incompreensão e as exigências descabidas, endurecem novamente seu procedimento o que faz com que os Russos requeiem pois, julgando-os novamente fortes, voltam a ser prudentes.

A curva dos brancos dos Estados Unidos em confronto com a dos negros dêse país faz-nos compreender a força do instinto psicobiológico que, por inconsciente que seja, domina todas as considerações teóricas da moral. Os brancos dos Estados Unidos que pregam em toda parte o amor entre os povos, temem mais do que qualquer um as uniões genéticas entre negros e brancos em seu país. Tudo se passa como se houvesse um sobressalto da raça contra o que a destruiria, pois, efetivamente, se se unisse as duas curvas, ver-se-ia que a tendência seria chegar a uma linha horizontal correspondendo à morte já que, conforme dissemos, não há povos em que todos os grupos sanguíneos sejam representados em proporções relativamente idênticos em confronto com a repartição mundial dos referidos grupos.

Quanto à África do Norte, ela se nos apresenta como um mosaico de grupos étnicos, todos diferentes uns dos outros e inassimiláveis entre si. Se tratarmos de submetê-los a uma lei comum, preparamos revoluções permanentes cujos acontecimentos atuais são uma prefiguração de reações em cadeia que não terão fim. A solução só pode ser viável em uma organização federal no seio da qual cada grupo étnico teria sua autonomia e seus chefes, correspondendo a suas necessidades psicobiológicas; o conjunto permanecendo unido sob uma mística religiosa, respeitando as crenças de cada um e presidindo-a, a própria concepção de federação, apoiada em uma sólida armadura militar que mostrasse sua força para não se servir dela.

SOLUÇÕES PSICOBIOLOGICAS DE PAZ

Há um outro aspecto psicobiológico das guerras que é igualmente interessante sublinhar: é o que Gastão Bouthoul denomina de conflito das gerações. É verdade que um povo se torna mais belicoso quando seu impulso demográfico é tal que o número de elementos jovens se torna, subitamente, bastante ponderável e ávido por tomar um lugar na comunidade face a outras gerações mais idosas e mais bem dotadas que, por isso mesmo, não concebem perder suas prerrogativas. Os mais velhos se utilizariam pois dos jovens para enviá-los para a luta enquanto eles (os velhos) tirariam proveito e honras do sacrifício daqueles. Os jovens, a seu turno, não desejariam mais do que lançar-se nessa ação que lhes é oferecida, proje-

tando nela o que seu temperamento lhes sugere de heroísmo, aventura divertida e de ação.

As guerras, porém, tornam-se a cada dia mais Rítmicas, isto é: cada vez mais mortíferas e totais (em todos os campos). Esta uniformização do mundo, para a qual parece tender a humanidade, contrária às leis da vida que anseia por diversificação, acarreta reações que explodem sucessivamente em todos os pontos do planêta. Atrás de um igualitarismo dos povos, que se procura obter quando aí justamente não se deveria instaurá-lo, o instinto psicobiológico dêsses mesmos povos desencadeia sobressaltos de saúde, pelo desejo de sobrevivência, que é preciso tratar de compreender.

O trato das populações, que se faz cegamente, termina neste resultado desastroso porque os homens permaneceram automórficos, mas as soluções psicobiológicas de paz estão a nosso alcance. Só se pode suprimir as guerras substituindo-as, já que elas correspondem fenômenos biológicos profundos; é necessário realizar êsses mesmos fenômenos biológicos de outra maneira, de sorte a evitar a morte do próximo. Para solucionar o conflito das gerações, seria preciso proibir os antigos de resolver pela guerra seus antigos conflitos e proporcionar aos jovens um campo de ação à sua feição, isto é: as explorações submarinas e polares, os gigantescos trabalhos a executar nos desertos mundiais as explorações espaciais que recém-começaram abrem uma oportunidade apaixonante para onde lançar a juventude. Eis pois tôda uma organização mundial a ser reestruturada.

É preciso dar a cada um o máximo de possibilidades de se realizar de acôrdo com sua verdadeira natureza. O problema de uma humanidade harmoniosa deve ser reconsiderado no próprio escalão da humanidade, mas tendo em vista: — dar aos povos Harmônicos um máximo de desenvolvimento Harmônico a ser buscado nas atividades contemplativas, as obras de beleza, a criação estética, a criação científica, a criação e a pesquisa filosóficas, as experiências gratuitas para ver "a vida íntima"; — dar aos Melódicos o máximo de desenvolvimento Melódico pelo comércio, atividades sociais, realizações de utilidade prática, experiências úteis, criação de diversões sociais, as atividades de relações públicas, os estudos econômicos; e — dar aos Rítmicos um máximo de desenvolvimento Rítmico nas atividades coletivas de massa, as grandes realizações técnicas, os trabalhos gigantescos de grande fôlego que exijam continuidade e fôrça, as pesquisas de profundidade e as gigantescas explorações.

Há uma orientação profissional dos povos que é necessário encontrar e que leve em conta a convicção de que: — os Harmônicos saberão encontrar sempre soluções aos problemas de adaptação futura que, ciclicamente, serão propostos, — os Melódicos saberão sempre transpor essas soluções para o plano de aplicação prática e que — os Rítmicos saberão sempre como dar continuidade e dinamizar o conjunto.

A paz deve ser estabelecida tendo por base um conhecimento psicobiológico recíproco dos grupos étnicos que se defrontam ou que são susceptíveis de fazê-lo, de modo a impedir qualquer incompreensão e julgamento automórfico. Até agora conhecemos os outros povos através nós mesmos e não exatamente como eles próprios são; nós os abordamos com um preconceito devido à educação, à História, ao que cremos, sem nunca havermos verificado ou termos tido elementos objetivos que permitam reformular nosso juízo. É necessário pois, que tomemos consciência, nesse conhecimento objetivo dos outros, do caráter complementar dos diferentes grupos étnicos, aceitar e respeitar reciprocamente a profundidade da alma, a vocação, a personalidade de uns e outros. É preciso também aceitar e respeitar o ambiente criado e desejado por cada qual dos outros, porque este é o que lhes assenta e somente este. Respeito ao outro em sua essência e em suas manifestações culturais, estéticas, etc... Por que iremos impôr uma arquitetura de concepção Harmônica a povos Rítmicos e inversamente? Seria insultar o ambiente pois a arquitetura cria um quadro de vida. Da mesma forma para a música.

Algumas expressões técnicas podem, talvez, ser standardizadas, tais como algumas ferramentas, porém é preciso impedir, a qualquer preço, a standardização mundial que corresponderia a uma verdadeira cancerização da humanidade e a conduziria à letargia ou à revolta suicida.

É necessário, ao contrário, reforçar os pontos de diversidade, permitir a cada grupo étnico de acentuar sua personalidade, manter um federalismo mundial — na base de diferenciações e complementações — contra o universo concentrado, monolítico, antibiológico, preconizar um regionalismo que favoreceria unidades e vocações étnicas locais e homogêneas, e assegurar, ao mesmo tempo, a solidariedade pela manutenção do equilíbrio e das complementações.

Se os homens forem razoáveis — e aos povos mais civilizados compete dar o exemplo — o exército terá um papel de organizador e formador, cada dia mais importante. Sua mais bela missão será uma missão pacífica. O Exército sempre foi e permanece a ossatura das civilizações prósperas que constituíram em todos os tempos sinfonias de sociedades ordenadas e de complementação.

